

Dr. Steven D. Mathewson: Pregando Narrativas do Antigo Testamento, Sessão 2, O Debate sobre a Pregação Cristocêntrica

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a segunda sessão, o debate sobre a pregação cristocêntrica. Olá, aqui é Steve Mathewson novamente, e esta é a nossa segunda sessão sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Nesta sessão, vamos falar sobre o debate da pregação cristocêntrica.

Atualmente moro na região de Chicago, Illinois, nos subúrbios do norte, e aqui as pessoas ainda falam sobre Michael Jordan. Se você não é fã de esportes, ele foi um jogador de basquete da NBA, considerado o GOAT, o maior de todos os tempos. O interessante é que, no início de sua carreira na NBA, a comissão técnica do Chicago Bulls discordava sobre como conduzir o ataque.

Doug Collins era um ótimo treinador. Ele era o treinador principal na época, e sua estratégia era manter a bola nas mãos de Jordan praticamente o tempo todo. Mas um de seus assistentes, um cara chamado Tex Winter, que estava lá há muito tempo, defendeu o que era chamado de ataque triangular, que mantinha a bola circulando de jogador para jogador, e a discordância só aumentou.

Por fim, Collins, Doug Collins, o treinador principal, afastou Tex Winter do banco de reservas. Bem, isso não agradou muito à diretoria, que demitiu Collins e o substituiu por outro assistente técnico, um cara chamado Phil Jackson, que havia sido pupilo de Tex Winter, e o resto é história. Phil Jackson levou os Bulls e seu astro, Michael Jordan, a seis títulos da NBA.

Então, mesmo que seu esporte favorito seja o futebol, você precisa admirar o que Michael Jordan fez. Agora, existe um debate no campo da pregação que alimenta o mesmo tipo de discordância acalorada, e é o debate sobre se e como pregar sobre Cristo no Antigo Testamento. E sua conclusão moldará a maneira como você estuda e prega um texto narrativo do Antigo Testamento.

Portanto, creio que vale a pena refletir cuidadosamente sobre isso antes de prosseguirmos. Um excelente ponto de partida para o debate é uma controvérsia que assolou as igrejas reformadas na Holanda antes da Segunda Guerra Mundial, e essa controvérsia girava em torno de como pregar o que eles chamavam de texto histórico, ou seja, o texto narrativo do Antigo Testamento. O Dr. Sidney Graydonis, que lecionou por anos no Seminário Teológico Calvin, explorou essa controvérsia em sua tese de doutorado de 1970, intitulada *Sola Scriptura, Problemas e Princípios na Pregação de Textos Históricos*.

Aliás, esse livro ainda está disponível para compra. A editora Wipf & Stock ainda o publica. Você pode encontrá-lo hoje mesmo.

E digo isso meio que brincando, é um dos livros mais chatos e mais fascinantes que já li. Só as partes chatas porque é uma tese de doutorado e tem muitos nomes, nomes holandeses, e lugares que você provavelmente não vai entender. Provavelmente não faz parte do nosso mundo, mas a história por trás dela é fascinante.

Então, nos dias que antecederam a Segunda Guerra Mundial, nas igrejas reformadas holandesas — o que é interessante, estamos falando de igrejas reformadas —, havia um grupo que adotou uma abordagem exemplar. E nessa abordagem exemplar, ao analisarem uma narrativa do Antigo Testamento, consideravam os personagens das histórias como modelos a serem imitados ou evitados. Sabe, Davi fez o que era certo; precisamos ser como Davi.

Ou então, eis um exemplo de como Davi fez algo errado; não seja como Davi. Esse é um ponto de vista. O outro lado defendia o que Graydonis chamava de abordagem histórica redentora, ou, como alguns hoje a chamariam, abordagem cristocêntrica, que proclamava como a história aponta para a pessoa e a obra de Cristo.

E, curiosamente, essa foi uma divergência interna. Novamente, quando pensamos em estudiosos e pregadores reformados hoje, a maioria seria muito cristocêntrica. Mas, naquelas igrejas reformadas holandesas antes da Segunda Guerra Mundial, alguns praticavam a pregação exemplar, outros a pregação histórica redentora.

E esse debate se intensificou nas décadas de 1930 e 1940. Mas então algo aconteceu, e você provavelmente consegue imaginar o que foi. Os alemães invadiram a Holanda em maio de 1940 e a ocuparam em 1945.

Como observa Graydonis, a influência disruptiva dessa ocupação no padrão normal da vida dificilmente era propícia para a continuidade da controvérsia. Ora, após a guerra, seria de se esperar que a controvérsia fosse retomada, mas houve um cisma na igreja que impediu o ressurgimento do debate. Assim, 25 anos depois, em 1970, Sidney Graydonis, ao fazer sua tese de doutorado na Universidade Livre, revisita a controvérsia e oferece sua própria crítica e modelo para a pregação do texto histórico do Antigo Testamento.

Agora, aqui está uma visão geral básica de cada abordagem. A abordagem exemplar analisou os personagens de uma narrativa como exemplos a serem imitados ou evitados. E baseou-se em três passagens do Novo Testamento.

Um deles é 1 Coríntios 10, onde o apóstolo Paulo cita o julgamento de Deus sobre o povo rebelde durante sua peregrinação no deserto. Você se lembra disso? E ele os

cita como exemplos. Nos versículos 6 e 11, é assim que quase todas as traduções em inglês traduzem essas palavras.

Essas advertências são exemplos. Certo? Depois, temos Hebreus 11. Hebreus 11 interpreta a história da redenção do Antigo Testamento de forma exemplar.

Assim, Abraão teve fé; nós também devemos ter fé. E então, finalmente, pregadores exemplares apontaram para o uso da experiência de Elias em 1 Reis 18. O autor de Tiago lembra disso como um argumento.

Sabe, Elias era um homem como nós, e ele orou pela chuva, e nós também devemos orar. Essa é a abordagem exemplar. A abordagem histórico-redentora argumentava que esses textos históricos do Antigo Testamento têm um propósito específico, que é a revelação da vinda de Deus ao mundo em Cristo.

Então, se você é um pregador e quer pregar sobre cobiça ou oração, por exemplo, deve escolher um texto que apresente a revelação direta de Deus sobre esses assuntos, em vez de tentar ilustrá-los a partir de um texto narrativo. E os pregadores da teologia histórica da redenção, nesse debate, se opõem à abordagem exemplar como uma interpretação fragmentária, que lê a Bíblia como uma coleção de biografias. Então, essa é, basicamente, a visão deles sobre o assunto.

Eles argumentaram que precisamos apontar para Cristo. Disseram que isso não significa traçar uma linha mágica ou dar um salto acrobático de Cristo para a cruz ou para a Encarnação. Mas sim mostrar a trajetória que leva do Antigo Testamento a Cristo.

Então, o que os pregadores daquele lado do debate fizeram com 1 Coríntios 10? Bem, eles argumentaram que as palavras traduzidas como exemplos em 1 Coríntios 10, as palavras gregas eram na verdade tupoi, e isso seria escrito typoi, tupoi, e você pode ouvir a palavra tipo nisso. Então, eles argumentaram que tupoi e tupikos no versículo 11 se referem a prefigurações de eventos na Era Messiânica, em vez do que chamaríamos de exemplos pedagógicos. Eles também disseram que, visto que Hebreus 11 inclui personagens extrabíblicos, bem como bíblicos, devemos tomar os exemplos de fé como ilustrações concretas, em vez de, você sabe, como sempre interpretamos a narrativa do Antigo Testamento.

Então, esses são os dois lados. Agora, o que disse Sidney Graydonis? Bem, Graydonis, depois de ponderar os argumentos de ambos os lados, acho que ofereceu uma crítica brilhante. Essencialmente, ele defendeu uma posição de mediação.

Ele concordou com a perspectiva histórica da redenção, segundo a qual as narrativas históricas do Antigo Testamento não têm a intenção de apresentar biografias de pessoas, mas sim de proclamar os atos redentores de Deus em favor do homem, dos

seres humanos. Ele disse: "Vejam, essas narrativas testemunham de Cristo, aquele que está ativo desde o princípio, que é o Logos. Então, ótimo, ele parece estar defendendo a perspectiva histórica da redenção."

Mas ele também concordou com o aspecto exemplar de que essas narrativas possuem o que poderíamos chamar de autoridade normativa, bem como histórica. Ele falou sobre a ênfase ética nessas narrativas. Mencionou, na primeira sessão, que alguns dos livros narrativos do Antigo Testamento fazem parte de uma coleção chamada Profetas Anteriores: Josué, Juízes, Samuel e Reis.

Eles estão transmitindo uma mensagem profética tanto quanto Isaías ou Jeremias, mas estão usando a narrativa como veículo. E Graydonis concorda. Ele disse: "Sabe, essas narrativas, sim, são relatos históricos, mas não estão apenas nos dando a história de Israel, e não estão apenas prefigurando Cristo, apontando para Cristo, elas também estão dizendo ao povo de Deus como viver."

Assim, concluiu ele, não é preciso recorrer a outra categoria de texto ou a exemplos para encontrar advertência, consolo e admoestação. Tudo isso já está contido no texto histórico. Portanto, argumentou que a proclamação desses textos, a pregação desses textos narrativos, deve ser relevante, comunicando a essência ética de uma passagem à luz da estrutura narrativa centrada em Deus.

Ele afirma que, afinal, os relatos históricos do Antigo Testamento proclamam os atos de Deus às pessoas em suas necessidades específicas. Então, retomando a abordagem histórico-redentora, ele criticou essa perspectiva por confinar o texto narrativo do Antigo Testamento a uma estrutura que, na verdade, o impede de expressar sua verdadeira intenção. Mas ele também criticou a abordagem exemplar por interpretá-lo de uma maneira moralista.

Sabe, Davi fez isso, você deveria fazer aquilo, ou Davi errou aqui, não seja como Davi. Dezoito anos após sua dissertação, ele reuniu suas conclusões em um livro para pastores e aspirantes a pregadores chamado "O Pregador Moderno e o Texto Antigo". E este foi realmente um dos primeiros livros que ensinou aos pregadores, pregadores evangélicos, como lidar com a narrativa do Antigo Testamento.

Ele tinha quatro tipos diferentes de literatura bíblica, mas dedicou alguns capítulos à narrativa do Antigo Testamento. Achei isso muito útil e concordei com a abordagem dele, que não se limitava a analisar a fundo o assunto. Mas aí, ele mudou de ideia.

Em uma reviravolta interessante, Graydonis defendeu uma abordagem cristocêntrica muito mais rigorosa em seu livro de 1999, "Preaching Christ from the Old Testament, a Contemporary Hermeneutical Method" (Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento: Um Método Hermenêutico Contemporâneo). Aliás, esse é um livro brilhante, e eu o achei muito útil, mas fiquei pessoalmente triste ao ver que ele se

afastou de suas conclusões originais e agora aconselha os pregadores a passarem do texto do Antigo Testamento para o Cristo encarnado. E ele adotou uma visão mais luterana, como ele mesmo descreve.

É fascinante se você quiser ler sobre o que ele fez. Ajuda a entender o tipo de cenário. Então, qual é o caminho a seguir? Bem, estou convencido, e você pode discordar de mim, mas você precisa entender o cenário.

Estou convencido de que a visão mediadora original de Graydonis é realmente o caminho a seguir para a pregação fiel do texto narrativo do Antigo Testamento. O que estou sugerindo, então, é uma visão que aproveita a força das duas principais perspectivas sobre a pregação do Antigo Testamento. E, aliás, essas perspectivas não são tanto exemplares e cristocêntricas, mas sim teocêntricas, que afirmam: vamos estudar este texto narrativo do Antigo Testamento para chegar à teologia.

O que este texto nos diz sobre Deus? Bem, esse é um lado da questão. O outro lado é a visão cristocêntrica. Novamente, observe que as alternativas não são as mesmas que existiam nas igrejas reformadas na Holanda.

Hoje em dia, a pregação exemplar baseada no Antigo Testamento ainda é popular, mas os principais pregadores e professores de pregação não a consideram uma abordagem viável. Quero dizer, não uma abordagem viável exclusivamente. Na verdade, há pessoas de ambos os lados que dizem que há momentos em que se pode abrir espaço para ela, quando se pode analisar os exemplos nesses textos narrativos.

E falarei mais sobre isso daqui a pouco. Aliás, ninguém que leve as Escrituras a sério nega que o Antigo Testamento fale de Jesus Cristo. Quero dizer, Jesus afirmou isso em conversas com seus seguidores quando ressuscitou dos mortos.

Você pode ver isso no Evangelho de Lucas. Aliás, deixe-me ler para você algumas passagens de Lucas 24. Você provavelmente já as conhece, mas é bom lembrá-las.

E você pode analisar isso um pouco mais de perto. Então, em Lucas 24, no dia da ressurreição de Jesus, ele está a caminho de Emaús. E em Lucas 24, versículos 25-27, ele tem uma conversa com dois homens que estão caminhando com ele pela estrada.

Eles são seus discípulos, mas não o reconhecem. E ele começou a explicar-lhes. Eles lamentam que este Jesus a quem seguiam tenha sido crucificado.

Então, eles expressaram certa confusão porque alguns seguidores foram a um túmulo esta manhã, mas ele não estava lá. E disseram: "Bem, é exatamente como a mulher disse, mas eles não viram Jesus". Então, Jesus interrompe a conversa.

Ele lhes disse: "Como vocês são insensatos e lentos para crer em tudo o que os profetas disseram! Não era necessário que o Messias sofresse essas coisas e entrasse na sua glória?" E, começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava em todas as Escrituras a respeito dele.

Nossa, o que eu não daria para ouvir aquela conversa. Para ser uma mosca, não uma mosca na parede, mas uma mosca zumbindo por aí, ouvindo tudo. Mais tarde, ele aparece para todos os discípulos, quase todos.

E em Lucas 24, a partir do versículo 44, ele lhes disse: "Foi isso que eu lhes disse enquanto ainda estava com vocês: É necessário que se cumpra tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos". E essas três divisões são outra forma de descrever a Bíblia Hebraica.

A lei de Moisés e os profetas, que incluiria tanto os profetas anteriores quanto os posteriores. Os anteriores seriam Josué, Juízes, Samuel e Reis, e os posteriores seriam Isaías, Jeremias e outros profetas. E então os Salmos; na verdade, a última seção da Bíblia Hebraica hoje é chamada de Escritos, mas os Salmos são uma parte tão importante que são abreviados dessa forma.

Então, Jesus está dizendo: tudo o que está escrito sobre mim na lei de Moisés, nos profetas, nos Salmos e no Antigo Testamento precisa se cumprir. Aliás, lei em hebraico é a palavra Torá. É uma palavra que significa instrução.

Os profetas seriam os Nevi'im. E os escritos, que aqui são abreviados como Salmos, mas seriam os Ketuvim. É por isso que às vezes hoje em dia ouvimos judeus falarem sobre o Tanakh.

T de Torá, N de Nevi'im, ou escritos, e K de Ketuvim. Desculpe, T de Torá, N de Nevi'im, que seriam os profetas, e então K, Ketuvim, para os escritos, ou seja, o Tanakh. Então, alguns se referem ao Antigo Testamento dessa maneira.

Mas, prosseguindo, Jesus abriu-lhes o entendimento para que pudessem compreender as Escrituras. Ele lhes disse: "Assim está escrito: o Messias padecerá e ressuscitará dentre os mortos ao terceiro dia, e em seu nome será pregado o arrependimento para remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém." Portanto, a parte do Antigo Testamento das Escrituras aponta para Jesus.

Não há dúvida disso. Não há dúvida de que essas narrativas também foram dadas para instruir o povo de Deus sobre como viver. Não há dúvida de que, em alguns casos, o Novo Testamento as considera exemplos.

Então, como é que juntamos tudo isso? Vou pegar nas diferentes visões sobre a pregação centrada em Cristo e agrupá-las em três grandes categorias, certo? Eu sei, talvez você pudesse agrupá-las em 15, mas acho que existem realmente três visões principais, e algumas dentro de uma categoria ou ponto de vista específico. Elas podem ter algumas diferenças, mas, para mim, essa é uma maneira útil de pensar sobre o assunto. A primeira visão seria o que eu chamo de visão teocêntrica.

Essa é a visão teocêntrica, que afirma que, ao pregarmos uma narrativa do Antigo Testamento, estamos analisando o que o texto nos ensina sobre Deus. Aliás, os pregadores que adotam uma abordagem teocêntrica se inserem na tradição de João Calvino, que enfatizava a pregação de um texto específico com o objetivo de expor a intenção do autor. Aprendi isso com Sidney Gray Donniss em seu livro sobre a pregação de Cristo a partir do Antigo Testamento.

Ele volta atrás e analisa a história da interpretação do Antigo Testamento, e destaca que foi isso que João Calvino fez. Assim, para Calvino, diferentemente de Lutero, a pregação teocêntrica era implicitamente centrada em Cristo. Ou seja, em outras palavras, bastava pregar o que o texto dizia sobre Deus, e Calvino era muito crítico da exegese cristocêntrica de Lutero.

Penso que hoje, dois dos melhores representantes da visão teocêntrica são dois pregadores e acadêmicos, os doutores Ken Langley e Abraham Kuruvilla. Há um livro recente sobre o assunto.

Bem, é... quão recente é aqui? É de 2018, então ainda não é tão antigo. É um livro chamado Homilética e Hermenêutica: Quatro Visões sobre a Pregação Hoje. Então você terá a visão histórica redentora de Brian Chappell.

Falaremos sobre esse ponto de vista daqui a pouco. Depois, temos a visão cristocêntrica de Abraham Kuruvilla e a visão teocêntrica de Ken Langley. E vou lhe contar um segredinho.

Eles compartilham a mesma visão. Falarei sobre isso daqui a pouco. A visão cristocêntrica de Abraham Kuruvilla nada mais é do que uma visão teocêntrica.

Ele usa uma maneira muito inteligente de descrever isso, sabe, "cristóica", porque ele diz que quando você prega, a teologia de um texto que você prega sobre Deus vai moldá-lo à imagem de Cristo. E a palavra grega "imagem", sabe, ícone, então "cristóica". É uma espécie de truque de mágica.

É uma visão de pregação que não é centrada em Cristo. Mas ele menciona Cristo no título. De qualquer forma, os dois basicamente dizem a mesma coisa, embora apresentem algumas pequenas nuances.

Langley, por exemplo, argumenta que as narrativas do Antigo Testamento relatam como Deus agiu por meio das ações de personagens humanos, e apesar delas. Ele afirma que a intenção é teológica. Concentrar-se nos atos humanos, portanto, muitas vezes significa perder o ponto principal.

Ele disse, no entanto, que reconhecer que Deus é central nessas histórias não significa que elas não tenham valor exemplar para o ensino moral. E eu concordo com ele. Ele está certo nesse ponto.

Langley vê isso como o problema da visão cristocêntrica. Ele diz que, na tentativa de evitar tratar a Bíblia como uma lista de tarefas ou um manual de autoajuda, eles têm tanto medo disso que muitas vezes suprimem os imperativos das Escrituras. As Escrituras nos chamam à ação.

E eu diria que os profetas anteriores estão nos ensinando como viver. Eu diria que as narrativas do Gênesis estão nos ensinando como viver. Um estudioso maravilhoso, o falecido Gordon Wenham, faleceu recentemente.

Ele escreveu um livro chamado "A História como Torá". E argumenta que as narrativas do Antigo Testamento são, portanto, Torá. E lembre-se de que essa palavra hebraica, que muitas vezes traduzimos como lei, na verdade significa instrução.

Essas narrativas são, portanto, instrutivas. E assim, a crítica do lado teocêntrico diz: "Sim, mas nossos irmãos e irmãs cristocêntricos, quando pregam e ensinam isso, minimizam os imperativos". Mas a graça de Deus não exclui a exortação, não é? Sabe, você pode examinar as Escrituras e encontrar vários trechos em que o que Deus fez por nós, e até mesmo o que Ele fez por nós em Cristo, leva à exortação.

Então é assim que vocês devem viver. Abe Caravella tem uma visão semelhante. Ele quer que os pregadores expliquem os detalhes do texto específico que pregam para que possam revelar sua teologia.

O que afirma sobre Deus e a mudança de vida para a qual convida. Assim, mais uma vez, ele astutamente denomina sua abordagem de Cristo-icônica, visto que vê cada perícopo das Escrituras, como ele descreve, retratando uma faceta da imagem, do ícone, de Cristo. Em outras palavras, ele argumenta que a pregação é trinitária.

O texto é inspirado pelo Espírito. Ele retrata Jesus, o Filho, à cuja imagem devemos ser conformados. E, à medida que somos conformados, a vontade do Pai é feita.

A preocupação de Caravella com a abordagem cristocêntrica é que ela corre o risco de negligenciar o propósito específico de cada texto do Antigo Testamento. E concordo com ele nesse ponto. Onde discordo, e falaremos mais sobre isso adiante,

é que ele não enxerga espaço para a teologia bíblica ; ele não vê lugar para a teologia bíblica, ou seja, para a análise dos temas bíblicos, para a compreensão de como as coisas se encaixam na narrativa geral da Bíblia.

Ele não acredita que o sermão seja o lugar para isso. Falaremos mais sobre isso adiante. Ele disse que não, a pregação é um evento onde a mensagem específica de um texto em particular, sua exigência divina, é exposta, aplicada na vida dos filhos de Deus para transformá-los para a glória de Deus.

Essa é a perspectiva teocêntrica. Agora, na visão cristocêntrica, ou na abordagem histórico-redentora da pregação, o foco está em Jesus, aquele para quem todas as porções das Escrituras apontam. Novamente, existe um amplo espectro de abordagens cristocêntricas para a pregação.

Aliás, se você ouvir alguém usar esses rótulos, pergunte o que significam, porque algumas pessoas atribuem significados diferentes a eles. Esse é o problema dos rótulos, não é? Mas Sidney Graydonis representa essa abordagem cristocêntrica mais restritiva. Ele situa sua abordagem em algum lugar entre o método teocêntrico de Calvino e o método cristológico de Lutero, embora, no fim das contas, esteja muito mais próximo de Lutero.

Ele baseia sua abordagem no contexto em que o Antigo Testamento encontra sua interpretação, e afirma que esse contexto é o Novo Testamento. Assim, a questão que se apresenta aos pregadores, segundo ele, é como pregar sobre o Cristo encarnado a partir de um livro que antecede sua encarnação em muitos séculos. Isso significa passar do texto do Antigo Testamento que se está pregando para pregar Cristo.

No entanto, ele afirma que essa mudança não deve ser arbitrária. Devemos procurar uma pista, uma característica no texto do Antigo Testamento que justifique vinculá-lo a um evento específico do Novo Testamento ou a uma ou mais passagens do Novo Testamento. E em seu livro sobre pregação cristocêntrica a partir do Antigo Testamento, ele identifica sete maneiras de se fazer essa conexão.

E não vou entrar em detalhes sobre eles, mas só para que vocês saibam, ele fala sobre a progressão histórica redentora. Esse é o primeiro ponto. Em segundo lugar, ele fala sobre o cumprimento da promessa.

Terceiro, sobre tipologia. Terceiro, analogia. Quinto, temas longitudinais.

Seis, contraste. E depois sete, referências do Novo Testamento. Aliás, embora eu discorde da abordagem geral dele, acho que algumas dessas coisas são possíveis de se fazer.

Estou meio que revelando minhas intenções. Mas enfim, esses são os sete caminhos dele. Ele insiste que a conversão a Cristo a partir de um texto do Antigo Testamento deve estar alinhada com a mensagem pretendida pelo autor.

Portanto, ele não está desmerecendo a intenção do autor. E ele argumenta que a maneira de descobrirmos a mensagem é por meio de uma análise literária, gramatical e histórica rigorosa. Ele é um exegeta excepcional.

E eu usei alguns dos livros dele, como "Pregando Cristo" de Gênesis, "Pregando Cristo" de Eclesiastes e "Pregando Cristo" de Daniel. E usei alguns desses com proveito.

Na verdade, em seu livro "Pregação de Cristo a partir de Gênesis", ele até citou alguns dos meus trabalhos sobre Gênesis 38. E ele é um exegeta excelente. Mas, no fim das contas, receio que a abordagem seja muito restritiva e, bem, simplesmente não consiga lidar com o imperativo, que acredito estar presente na maioria dos textos narrativos.

Aliás, ele faz questão de ressaltar que não se trata de "vale tudo". Ele afirma que houve muitas maneiras equivocadas de se fazer a transição do Antigo Testamento para Cristo. De fato, ele criticou Charles Haddon Spurgeon, o grande pregador, por usar textos do Antigo Testamento como ponto de partida para a pregação de Cristo.

E, em suas palavras, ele disse, viajando através, entre aspas, do pântano da tipologia e da alegorização, fim das aspas, para chegar a Cristo, em vez de através de um cuidadoso processo interpretativo. Então, acho que Sidney Graydonis é realmente um dos melhores exemplos daqueles que usam essa abordagem específica. Agora, a estreiteza de sua abordagem se manifesta na aplicação do texto do Antigo Testamento aos crentes da Nova Aliança.

Por exemplo, ele adverte os pregadores a não apresentarem Davi em 1 Samuel 17 como um modelo de coragem. Em vez disso, ele afirma que a essência da narrativa de Davi contra Goliás é que o próprio Senhor derrota o inimigo do seu povo. E então ele diz que esse tema situa a passagem na estrada da história do reino de Deus, que leva diretamente à vitória de Jesus sobre Satanás.

Portanto, a aplicação para hoje é que o povo de Deus se envolva na batalha contra o maligno, caso a prosperidade os tenha cegado para isso, e que confie em Deus, que luta por eles, se estiverem confiando em suas próprias forças. É assim que Graydonis aborda essas questões. E ele está sempre buscando entender como isso se relaciona com o que Jesus fez em sua vida aqui na Terra.

Aliás, Brian Chappell representa uma abordagem cristocêntrica menos restritiva, embora tenha escrito um livro didático sobre pregação cristocêntrica. Ele não tem

receio de pregar as instruções das Escrituras, tanto seus imperativos quanto seus indicativos, contanto que fundamentemos o imperativo, isto é, o mandamento, no indicativo, isto é, naquilo que Deus fez por nós especificamente por meio de Cristo. Sua preocupação é que preguemos questões de fé sem fundamentá-las naquilo que Deus fez por nós em Cristo.

Então, nesse ponto, estamos simplesmente moralizando, pregando sermões, dizendo para sermos bons, fiéis e obedientes, mas não os fundamentamos na narrativa maior das Escrituras. Chappell nos diz que devemos ler essas narrativas com a perspectiva do Evangelho. Ele afirma que não se trata de óculos de raio-X que fazem surgir misteriosamente uma imagem ou referência a Jesus de trás de algum arbusto em cada relato bíblico.

Em vez disso, refletem aspectos da natureza de Deus que proporcionam redenção, bem como aspectos da natureza humana que exigem redenção. E depois há Tim Keller. Eu adoro o falecido Tim Keller.

Aprendi muito com ele, não apenas sobre pregação, mas sobre ministério em geral. Ele parece estar em algum lugar entre Graydonus e Chappell. E ouvi muitos sermões de Keller, não apenas sobre narrativa, mas também sobre outras passagens do Antigo Testamento, e ele está sempre disposto a pregar sobre os apelos bíblicos a uma vida santa.

Mas, além disso, ele também quer se concentrar no que Deus fez por nós em Cristo e está ansioso para mostrar como Jesus é o cumprimento dos principais temas, figuras e imagens da Bíblia. Que Jesus é o Davi melhorado, a Ester melhorada, o verdadeiro rei, o juiz justo. E, para ele, a chave para pregar Cristo é descobrir como o texto bíblico em questão se encaixa no contexto geral da Bíblia e participa como um capítulo da grande narrativa.

Então, essa é basicamente a diferença entre o teocentrismo e o cristocentrismo. Qual seria a terceira perspectiva? Mencionei que acredito que existam três perspectivas principais. E a terceira perspectiva, que é a que eu defendo, é na verdade a perspectiva mediadora que une as duas anteriores.

Essa é a visão que Sidney Graydonus defendeu em sua tese de doutorado de 1970. Sim, reconheço o perigo de adotar uma perspectiva mediadora. Lembre-se, morei em Montana por quase metade da minha vida e passei um verão trabalhando em uma fazenda de gado.

Gosto de alguns ditados do Velho Oeste, que costumam ser diretos e não deixam escapar palavras. Aqui está um deles: "É, não."

Deixe-me começar de novo. Uma delas é: "E isso demonstra o perigo de uma visão mediadora. A ideia é, bem, você precisa se decidir."

Não se pode ter tudo. No entanto, acredito que devemos ter ambas as coisas, porque creio que as Escrituras nos ensinam a fazer ambas. Creio que devemos ler o Antigo Testamento em seu contexto literário, gramatical e histórico-cultural para determinar sua mensagem e sua essência ética.

Temos que fazer isso. Mas, ao mesmo tempo, acredito que devemos situar a teologia deste texto na narrativa maior da Bíblia, na história mais ampla das Escrituras. Essa é a preocupação da teologia bíblica.

Bem, novamente, os rótulos são problemáticos. Alguns chamam isso de visão cristotélica, reconhecendo que Cristo é o *télos*, uma palavra grega, o *télos* ou o objetivo do Antigo Testamento. Eu gosto da maneira como John Walton coloca isso.

Ele diz, e acho que essa citação resume perfeitamente o meu fardo, a minha preocupação ao pregar essas narrativas. Christopher Wright, um maravilhoso estudioso britânico do Antigo Testamento que escreveu ótimos livros sobre pregação, inclusive sobre a pregação a partir do Antigo Testamento, faz uma observação semelhante quando diz: "Tudo aponta para Cristo, mas nem tudo é sobre Cristo". E considero essa distinção muito útil.

Todo o Antigo Testamento aponta para Cristo. Sabemos disso por Lucas 24. O próprio Jesus disse isso.

Mas isso não significa que cada palavra, cada frase, cada detalhe em uma narrativa seja especificamente sobre Cristo. Então, vou apresentar um processo para se conectar com a história da Bíblia e seu herói, Jesus Cristo. Falaremos sobre isso um pouco mais adiante, em uma sessão posterior.

Mas por agora, deixe-me concluir desta forma. Aqui está o meu apelo para aqueles de vocês que se identificam como teocêntricos ou estritamente cristocêntricos. Portanto, aqui estão as advertências.

A advertência aos pregadores teocêntricos é a seguinte: gostaria de lembrar que as exigências divinas do texto narrativo do Antigo Testamento devem sempre estar fundamentadas no que Deus fez por você em Cristo. Portanto, o que estou dizendo é que os relatos históricos referentes a Débora, Abraão, Rute ou Davi não podem ser compreendidos e aplicados separadamente de sua conexão com a metanarrativa da Bíblia.

E o herói dessa narrativa é Jesus, o Messias. É aqui que discordo do meu amigo Abe Curavella. Estivemos juntos em pelo menos uma sessão da ETS (Evangelical

Theological Society), onde ambos apresentamos o tema "Como você pregaria 1 Samuel 17?". E tenho um profundo respeito por ele.

E também debatemos outra questão. Ele até incluiu isso em seu site. Portanto, tenho grande consideração pelo Dr. Curavella.

Mas ele vê o sermão não como um lugar para exibir teologia bíblica, mas simplesmente como o local onde a mensagem do texto específico é exposta e aplicada à vida dos filhos de Deus. Mas eu digo o seguinte: como podemos aplicar um texto do Antigo Testamento à vida dos crentes da nova aliança sem observar como essa mensagem teológica do Antigo Testamento é moldada pela maneira como encontra seu cumprimento em Cristo? Agora, eu entendo a preocupação do Dr. Curavella sobre como um foco cristocêntrico pode obscurecer a essência específica de um texto do Antigo Testamento.

Mas se essa abordagem específica for absorvida, em suas palavras, por discussões teológicas bíblicas, é o que ele diz, acho que a culpa é do pregador, não da metodologia em si. Acho que precisamos ajudar as pessoas a ver como essas narrativas individuais se encaixam na história maior. Isso não significa que precisamos tirar dez minutos do nosso sermão para fazer isso.

Talvez sejam apenas alguns minutos. Mas acho que precisamos fazer isso. Essa é a minha advertência ao grupo de pregadores teocêntricos.

Eis o meu alerta aos pregadores cristocêntricos. Na verdade, este é o aviso de Tim Keller. Ele é um pregador cristocêntrico.

Mas ele afirma que é possível chegar a Cristo tão rapidamente na pregação de um texto que deixamos de ser sensíveis às particularidades da mensagem desse texto. Outro problema é que pulamos as realidades históricas para chegar a Jesus como se as escrituras do Antigo Testamento tivessem pouca importância para seus leitores originais. E isso, na verdade, equivale a simplificar o texto de forma que todos os sermões soem iguais, e ignora temas cruciais, como a dignidade do trabalho, o valor da vida humana, a maneira como o povo de Deus deve lidar com o sofrimento ou como os líderes devem usar o poder.

Esse é um tema muito presente em Samuel e até mesmo em Reis. Portanto, esse é um dos perigos. Outro perigo é encontrar Cristo em detalhes onde ele não está.

Kevin Van Hooser, um amigo meu, oferece esta perspectiva sobre como Jesus explicou aos discípulos, no caminho de Emaús, o que estava escrito em todas as Escrituras a respeito dele. O Dr. Van Hooser disse: "Creio que esta não foi uma leitura alegórica forçada, que se valeu de conexões fantasiosas entre detalhes isolados da

vida de Cristo, mas sim uma interpretação que discerniu o fio condutor. O fio condutor."

Gostei disso. Em outras palavras, o principal impulso dramático da história da redenção divina reside, em grande parte, na forma como os profetas, sacerdotes e reis antecipam aspectos da própria obra de Cristo. Acho isso muito útil.

Lucas O'Neill, um excelente pregador, se refere a esses perigos como os dois perigos de ignorar o texto. Ou seja, deixamos de honrar os detalhes que estamos pregando. Em segundo lugar, usamos o texto de forma inadequada.

Ou seja, negligenciar os detalhes para chegar a Cristo. Portanto, os pregadores cristocêntricos precisam lembrar que a pregação cristocêntrica não deve nos impedir de chamar o povo de Deus à fé e a um determinado comportamento. Discordo veementemente da abordagem cristocêntrica que afirma, e esta é uma citação favoravelmente utilizada por Sidney Gray Donnis em seu livro.

É de outro autor. Mas a citação é: "Não confrontamos os homens com Cristo pregando ideias teológicas, nem com exortações éticas, mas relembando os eventos salvíficos testemunhados nas Escrituras". E me desculpe, mas eu não concordo com isso.

De fato, confrontamos as pessoas com Cristo pregando ideias teológicas, exortações éticas e fundamentando-as nos eventos salvíficos testemunhados nas Escrituras. Penso que essa abordagem é, na verdade, reducionista. Portanto, ao pensarmos em pregar essas narrativas do Antigo Testamento, não creio que devamos contrapor uma abordagem teocêntrica a uma abordagem cristocêntrica.

Penso que o primeiro, o teocêntrico, deve conduzir ao segundo, o cristocêntrico. E penso que o segundo, o cristocêntrico, deve basear-se no primeiro, o teocêntrico. Permita-me concluir com isto.

Há alguns anos, o Dr. Don Carson, um excelente estudioso do Novo Testamento, estava sendo entrevistado por R.C. Sproul sobre como os escritores do Novo Testamento trabalhavam com as categorias teológicas bíblicas. E eu achei fascinante porque ele disse que alguns pregadores, quando estão começando, pregam textos narrativos do Antigo Testamento. Eles leem e dizem: "Bem, Davi fez isso, então você deveria fazer aquilo."

Davi não fez isso, então não sejam maus, não façam aquilo. E então eles aprendem todas essas trajetórias teológicas, trajetórias teológicas bíblicas e categorias, e começam a segui-las. Talvez seja a dinastia davídica.

É claro que o Dr. Carson diria a dinastia davídica. Mas ele disse que eles começam a traçar essas trajetórias e esses temas do Antigo Testamento para o Novo. Ele diz, e então se esquecem das categorias morais.

Ele disse que eles se esquecem de que o autor de Tiago pôde dizer: Elias era um homem como nós, e ele orou, e nós também devemos orar. E eu achei isso fascinante porque D.A. Carson é geralmente considerado um pregador cristocêntrico, e ele faz muita questão de garantir que preguemos o evangelho. Mas até ele diz: vejam, vejam como os escritores do Novo Testamento pregavam.

Não precisamos reduzir nossos sermões a uma única coisa. Há várias coisas que fazemos enquanto pregamos. É isso que está por trás da minha abordagem de mediação.

Muito bem, estamos prontos para começar. Na próxima sessão, falaremos sobre como ler e estudar um texto narrativo do Antigo Testamento.

Este é o Dr. Stephen D. Mathewson, em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a segunda sessão, o debate sobre a pregação centrada em Cristo.